

As dificuldades do ensino e da aprendizagem das crianças com a síndrome de Dubowitz

Danielle Dantas Ribeiro¹; Francisco Roberto Coura de Assis²

Faculdade Internacional da Paraíba e-mail contato@fjb.edu.br

RESUMO

A motivação para este tema veio com a escassez de informações sobre a síndrome de Dubowitz principalmente nos âmbitos educacionais, já que a citada síndrome é pouco conhecida e tem apenas relatos médicos, e por este motivo tratada como doença. Sabemos que hoje em dia a inclusão escolar em nosso país é bem estruturada segundo Lei de Diretrizes e bases da Educação - LDB, que tem o capítulo 5^a inteiro destinado à educação inclusiva. Objetivando o fazer e o refletir a respeito da inclusão. Ainda encontramos alguns entraves para que a lei seja cumprida, eis porque conscientizar os educadores para conhecimento prévio ao ato de incluir para assim facilitar o trabalho e desenvolver o entendimento de como se dá o ensino e a aprendizagem das crianças com a síndrome de Dubowitz, e assim mostrar que criança com a citada síndrome tem múltiplas inteligências e grande potencial, para tanto, faz necessário trabalhos multidisciplinar entre educadores, educando, família e escola, buscando aperfeiçoar suas técnicas e métodos de ensino e aprendizagem. Para o desenvolvimento deste artigo foram feitas pesquisas bibliográficas utilizando artigos nas áreas de medicina, em documentos oficiais do Governo a exemplo da LDB, e em livros de inclusão escolar. Falar do ensino e a aprendizagem das crianças com a síndrome de Dubowitz é mergulhar em um mundo que não é mais só seu é querer mudar o pensamento e as atitudes das pessoas e nas escolas fazer com que as adaptações físicas e curriculares seja o início da inclusão. Porém com base nas bibliografias pesquisadas percebeu-se que há muito para ser explorado. Também se observou que a temática inclusão escolar apesar de amparada pela LDB nem sempre é cumprida de forma que atenda todas as necessidades de adaptações para os alunos com deficiências. Ainda em se tratando dos educandos com a síndrome de Dubowitz essas adequações se tornam mais difíceis, pelo fato de que cada aluno desenvolve características diferentes em relação à síndrome, o que dificulta para o educador/agente de educação desenvolver um único método na construção da aprendizagem seja uniforme para todos que possuam essa necessidade especial. Por esse motivo a necessidade dos educadores sempre estarem se especializando no que diz respeito à inclusão escolar, visto que nenhuma deficiência e/ou síndrome se manifesta igual e, que cada aluno seja ele deficiente ou não tem suas próprias características e tempo de aprendizado. Por fim este artigo é apenas um ponta pé inicial para uma pesquisa mais aprofundada em relação à temática proposta, visto que há uma grande escassez de bibliografia que tratam da síndrome de Dubowitz e como os educandos da mesma se portam diante das adaptações de aprendizagem educacionais em que estão inseridos, existe um grande interesse em continuar a desenvolver pesquisa posteriormente num trabalho de conclusão de curso.

Palavras Chaves: Ensino. Aprendizagem. Dubowitz. Inclusão. Dificuldades.

¹Estudante da 5^a série do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Internacional da Paraíba. E-mail: danielledantasprof@gmail.com

²Bacharelado e Licenciatura em Filosofia e Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia, Docência do Ensino Superior e LIBRAS. Professor da Faculdade Internacional da Paraíba. E-mail: profcoura@gmail.com

1 Introdução

O presente artigo é uma reflexão a respeito da inclusão escolar de crianças com a síndrome de *Dubowitz*. A inclusão já se encontra bem estruturada segundo a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) nº 9.394/96, mesmo assim, ainda encontramos alguns entraves. A conscientização dos educadores e o aprofundamento dos conhecimentos prévios sobre a inclusão vêm facilitar o trabalho com as pessoas com deficiência. Por tanto, ter uma visão ampla das crianças com a síndrome de *Dubowitz* faz-se necessário já que as mesmas se encontram no processo de inclusão. Não sendo diferente das demais pessoas com algum tipo de deficiência, faz necessário um diagnóstico prévio para que os educadores tenham o entendimento de como desenvolver do como se dar o ensino e a aprendizagem destas pessoas.

A motivação para este tema veio com a escassez de informações sobre a síndrome de *Dubowitz* principalmente nos âmbitos educacionais. A pesquisa se deu por fontes bibliográficas utilizando artigos nas áreas da medicina e nos documentos oficiais do Governo a exemplo da LDB.

Para o desenvolvimento deste artigo também foram feitas uma revisão bibliográfica no âmbito da educação inclusiva. As literaturas e artigos nas áreas medicam, tratavam a referida síndrome como doença. Assim, foram feitas algumas adaptações para a área educacional vindo a orientar o desenvolvimento dos seguintes objetivos: ter um olhar diferenciado no tocante a inclusão; e mostrar que as pessoas com a síndrome de *Dubowitz* tem múltiplas inteligências e grandes potenciais, para tanto faz necessário um trabalho multidisciplinar entre educadores, educandos, família e escola, buscando o aperfeiçoamento de suas técnicas e metodologias de ensino e aprendizagem.

2 Incluir: direito e necessidade de todos

Quando se tem alguém que precisamos incluir, essa luta fica cada vez mais árdua. Pensar a inclusão assinala o início para se pensar uma mudança educacional voltada para atender a diversidade no contexto escolar. Isto envolve muito mais que aceitação da diferença, a partir do entendimento de que a escola é um espaço social por direito. Assim, a partir de discussões de cunho político-filosófico, constitui-se hoje um lugar de educação para todos. Educação esta que engloba as pessoas com a síndrome de *Dubowitz*, sendo também necessário perceber as dificuldades que os educadores no ambiente escolar têm passado.



Por falta de conhecimento da síndrome *Dubowitz* algumas escolas tratam o caso como aparente indiferença, levando-as a cometerem diversos erros por falta de conhecimento. “A dificuldade de aprendizagem pode ocorrer de diversas maneiras, indivíduos afetados podem ter retardo leve, hiperatividade e/ou comprometimento da fala e algum prejuízo fino motor” (JONES, 1998, p.120). A visão é o fio condutor entre a inclusão e o cotidiano da pessoa com deficiência, como está subscrito no Decreto nº 3.298- Art. 2º nos seguintes termos:

Cabe aos órgãos e às entidades do Poder Público assegurar à pessoa portadora de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à previdência social, à assistência social, ao transporte, à edificação pública, à habitação, à cultura, ao amparo à infância e à maternidade, e bem-estar pessoal, social e econômico (BRASIL, 1999).

Não é um favor incluir, mas é um direito e necessidade de todo o cidadão. Sendo o primeiro passo o respeito à pessoa na sua particularidade, e depois devem ser observadas as suas dificuldades da escrita e leitura, já que são comuns as pessoas com a síndrome de *Dubowitz* uma dificuldade no tocante a este aspecto.

Dotados de uma memória fantástica vai ser mais fácil perceber que sua leitura de mundo é enorme, podendo superar as crianças ditas “normais”. Eis aqui, porque não se pode confundir deficiência com doença, porque uma doença pode gerar uma deficiência que não implica afirmar que esta pessoa seja doente. Doença tem uma possível cura e deficiência faz necessário um acompanhamento provisório ou perene como bem lembra Lilian Martins ao afirmar que:

É importante salientar que não devemos colocar a deficiência dentro de uma concepção puramente médica, ficando associada exclusivamente à doença. Se bem que a deficiência possa ser causada por uma doença, ela não se caracteriza como doença, não devendo, portanto, ser confundida com uma das causas que a podem gerar, e que não a constitui de fato (MARTINS, 2008, p.28).

Assim, cabe ao educador ampliar sua visão teórica e prática, porque não basta pedir laudos aos pais, mas utilizar não um único método de ensino, ou seja, de uma tendência tradicional, e sim, fazer a junção de vários outros métodos sócio-integracionista como se percebe a pessoa com a referida síndrome apresenta um déficit de aprendizagem. Este déficit é próprio da pessoa com a síndrome, e não o torna incapaz de observar tudo que lhe cerca. E assim, não basta a lei garantir direitos, urge promover ações que levem os direitos a serem garantidos no cotidiano, pois “para a





“pessoa com deficiência significa que não pode haver nenhuma restrição ou impedimento apenas em razão da deficiência” (RESENDE; VITAL, 2008, p. 37).

E assim, a construção inclusiva da pessoa com a síndrome de Dubowitz no sistema escolar vai se dando de maneira harmônica e fundamentada na legalidade das leis do país. Cabendo a cada agente a fiscalização perene a tais dispositivos, bem com, as devidas adaptações dos métodos pedagógicos que viabilizaram o fazer educacional.

2.2 Síndromes de Dubowitz: história e evolução

A história sempre foi e vai ser uma reflexão de fatos, seja para não desenvolvermos mais as possíveis falhas ou para aprendermos a refletir de forma sistemática o conhecimento estruturado em um dado momento na história. Na síndrome de Dubowitz também não é diferente, pois desde a metade da década de 60 vão-se desenvolver estudos comparativos na área da saúde, a fim de compreender quais os fatores genéticos e ambientais que venha a desencadear a referida síndrome. Como bem lembra Jones (1998).

Esta síndrome foi primeiramente descrita em 1965 pelo Dr. Victor *Dubowitz* e só mais tarde, em 1971, designada como síndrome de *Dubowitz* por Gorlin&Opitz. É uma síndrome herdada de forma autossômica recessiva e não há teste laboratorial para diagnóstico, sendo este feito clinicamente, após exclusão de outras síndromes genéticas (JONES, 1998,p.102).

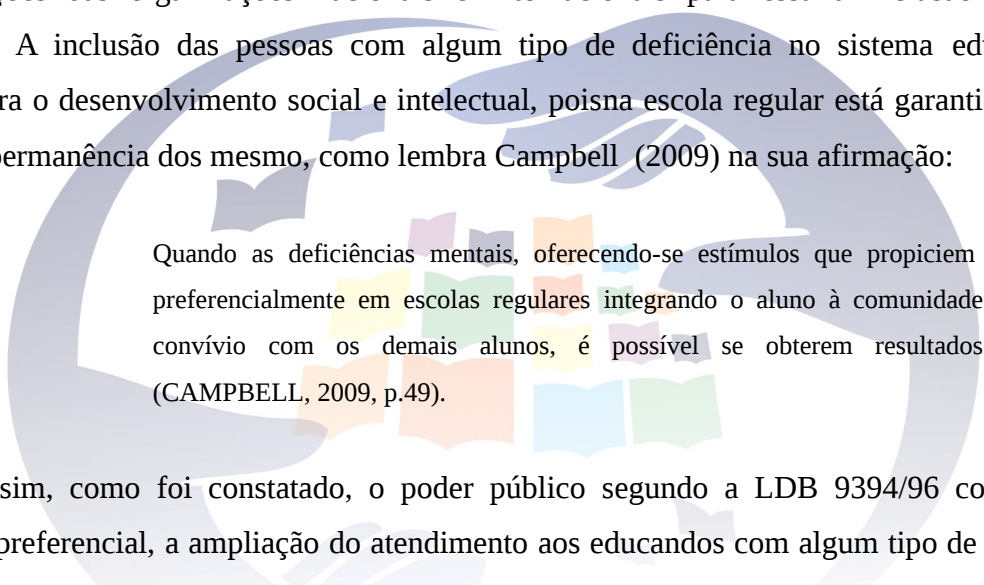
Em um primeiro momento não se sabe ao certo o que ocorria com as crianças com esta síndrome, pois a mesma são resultados de vários fatores que se entrelaçam. Segundo Jones (1998) não se sabe ainda a localização do gene nem sua patogenia, sendo sugerido como fator responsável, a ação intracelular de genótipo mutante em várias ocasiões durante o período pré e pós-natal do desenvolvimento. Porém, com os estudos ao longo da década de 70 foi observando como era mas gestações destas mães e quais fatores ocorriam no transcorrer do pré-natal e muito mais no período pós-natal. Com os desenvolvimentos dos estudos percebe-se alguma diferenciação na formação facial e craniana, sendo constata do por Jones (1998) [...] o retardo de crescimento pré e pós-natal, microcefalia, pequena estatura e alterações faciais e físicas características da síndrome.



Assim, ainda hoje à questões encontram-se abertas no tocante a síndrome, mas não se pode entender que os estudos estão acabados, pois pouco se sabe sobre a mesma, na área educacional os estudos tem a necessidade de um avanço, pelo fato de ter poucas pesquisas.

3 Inclusão escolar: o papel da escola e da família.

A importância da inclusão faz parte do processo humano. É relevante lembrar que no contexto escolar é fundamentalmente essencial. Eis porque, o foco nos objetivos e sua organização de maneira dialogal com as diretrizes para a educação especial é prerequisite. Sendo assim, as recomendações das organizações nacionais e internacionais para essa a inclusão devem ser observadas. A inclusão das pessoas com algum tipo de deficiência no sistema educacional é desperta para o desenvolvimento social e intelectual, poisna escola regular está garantida por lei o acesso e a permanência dos mesmo, como lembra Campbell (2009) na sua afirmação:



Quando as deficiências mentais, oferecendo-se estímulos que propiciem a adequação, preferencialmente em escolas regulares integrando o aluno à comunidade escolar e ao convívio com os demais alunos, é possível se obterem resultados satisfatórios (CAMPBELL, 2009, p.49).

Assim, como foi constatado, o poder público segundo a LDB 9394/96 coloca, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com algum tipo de deficiência, na própria rede pública regular de ensino. Bem se sabe que, um dos empecilhos na educação dos educandos com deficiência é a necessidade de uma metodologia específica, como de recursos adaptados deacordo com as suas necessidades cognitivas e motoras.

A questão da inclusão dessas criançasinsere-se no contexto das discussões, a questão das adequações necessárias da escola para a integração das pessoas com deficiências enquanto cidadãos, com direitos e deveres de participação e contribuição social.Tendo isso em mente se percebe que não existem alunos incapazes, existem alunos não estimulados adequadamente [...] (Campbell, 2009, p.55). Assim, no ensino regular a inadequação dos espaços é facilmente comprovada, sendo mais agravante ainda, quando se percebe a perplexidade, confusão e insegurança que os educadores e outros profissionais demonstram ao se depararem com o assunto, seja na teoria ou na prática.



Não basta ter uma teoria no tocante a temática da inclusão de pessoas com deficiência, pois a inclusão deve fluir-nos diferentes níveis e graus de ensino. Sendo cada momento desenvolvido à análise e reformulação de políticas educacionais e, de implementação de projetos educacionais voltados para a educação inclusiva. A aprendizagem vai sendo compreendida, despertando para uma vivência sistêmica do ato inclusivo.

Como vem sendo trabalhada a perspectiva da motivação deve desenvolver momentos de pesquisas nas escolas de ensino fundamental I, onde se encontra as crianças com a síndrome Dubowitz, foco da pesquisa. De acordo com a fala de Campbell anteriormente, o educador deve evitar ressaltar a deficiência do educando durante a aula e, não demonstrar impaciência com a dificuldade do educando, o educador deve propor situações concretas para que o educando entenda o conteúdo. Assim, os trabalhos e atividades devem ser repetidos oralmente para melhor compreensão, já que os alunos com a síndrome de *Dubowitz* possuem uma maior desenvoltura para a oralidade.

A escola é o terreno fértil do saber constante, por isso, nota-se que possíveis às adaptações, adaptar currículo é algo que deve ser de forma gradual e reflexiva. Cabendo ainda aos agentes envolvidos no processo a sensibilidade de construir uma nova ótica, do como aprender e como ensinar. Aranha (2002, p.5) acrescenta que as adaptações curriculares, então, são os ajustes e modificações que devem ser promovidos nas diferentes instâncias curriculares, [...]. Assim, o Projeto Político Pedagógico (PPP) será o parâmetro norteador das práticas em sala de aula e fora da mesma, cabendo uma reorganização curricular para poder fazer valer a assistência especializada, ou até mesmo a valorização pessoal e social do agente envolvido no ensino e aprendizagem, não perdendo de vista que o ser humano com deficiência deve ser potencializado a cada momento do processo escolar.

Por outro lado o papel da família é uma ferramenta essencial no desenvolvimento da educação. Célula mãe da sociedade, a família tem todo o aparato cultural e instrumental do conhecimento empírico que deve ser valorizado para uma melhor compreensão da pessoa com deficiência.

Sabedores que a escola sozinha não realiza nada em sua prática sem uma unidade com o todo que é a comunidade escolar. A família é a mola mestra de toda a sociedade deve sempre ser ouvida e entendida em sua visão. Escola e família na sua melhor visão social vão fornecer todo o aparato necessário para incluir, porém pode se não for bem refletido, desenvolver uma visão preconceituosa do que venha ser a pessoa com deficiência. Aqui fica mais que provado que a



participação familiar é fundamental, como bem lembra Carvalho (2012, p.47) ao afirmar que a presença dos pais na escola é outra das características da proposta da educação inclusiva. A escola será um espaço inclusivo se nela, todos forem atores e autores.

A família tem um papel muito importante no processo de inclusão, é primordial que o trabalho escolar junto à família principalmente nos anos iniciais, pois o educador tem a necessidade de informações que só os pais ou responsáveis podem dar. O trabalho tem a necessidade de ser em conjunto para que o educando com deficiência tenha as mesmas oportunidades dos demais colegas.

A parceria família/escola é fundamental para que ocorram os processos de aprendizagem e crescimento de todos os membros deste sistema, uma vez que a aprendizagem não está circunscrita à conteúdos escolares (BARTHOLO, 2001, p.23).

A afirmação da autora deixa claro que a escola tem seu papel, assim como a família também tem seu que é passar os valores morais e a ideologia de vida, ou seja, educar no sentido mais amplo da palavra. A família e as escolas são parceiras, pois juntas vão de encontro a excelência de conhecimentos e aprendizado do educando.

4 Síndrome de Dubowitz : um olhar educacional

Não se pode negar que o educador é o protagonista de uma das moedas mestras na edificação da inclusão, mas o mesmo não pode sozinho estruturar o todo que é o campo da inclusão das pessoas com a síndrome de Dubowitz. A escola passou, nesse sentido, a desempenhar um papel ambíguo frente à diversidade de um lado, abriu as portas aos educandos com algum tipo de deficiência, exemplo das crianças com Dubowitz, de outro não se preparou para isso, quando deveriam ter se preparado. Sendo a educação inclusiva deve ser parte integrante do sistema geral de educação e não um sistema isolado, paralelo. Embora, devido ao número insuficiente de profissionais qualificados na área, ela deva continuar, paralelamente a sala de Atendimento Educacional Especializado - AEE. Daí o motivo que a capacitação permanente dos profissionais e de todos os agentes educacionais vão levar ao conhecimento do que seja a inclusão, sendo:

O conhecimento dos processos associados ao ato de aprender aliado a uma prática didática capaz de facilitá-los pode minimizar grande parte dos problemas e dos rótulos que colocados nos alunos com “dificuldades de aprendizagem (CAMPBELL, 2009, p.79).





Para remover as barreiras da inclusão, o educador tem a necessidade de assimilar o valor da própria inclusão que é reconhecer, identificar as múltiplas habilidades, que os educandos com deficiências possuem. Assim, as mudanças na prática pedagógica vão transformar o ensino em aprendizagem:

Professor eficiente é aquele que observa seus alunos, percebendo suas dificuldades, potencialidades, e desenvolvimentos práticas que visam ao máximo, ao desenvolvimento de cada um e de todos, utiliza métodos diferenciados de ensino e de avaliação, respeitando as limitações de cada um, buscando formas cooperativas e colaborativas que propiciem a integração do conjunto de seus alunos (CAMPBELL, 2009, p.159).

Constata-se que o trabalho inclusivo é coletivo e que mudar a maneira de avaliar o educando com deficiência faz parte do exercício da inclusão escolar. Assim sendo, é um ponto positivo para a adaptação das atividades avaliativas para o bom desenvolvimento cognitivo e por sua vez emocional. A proposta de educação inclusiva como remoção de barreiras para a aprendizagem e para a participação tem como pressuposto que todos são capazes de aprender Carvalho (2012,p.44).

Como já foi visto anterior, as pessoas têm habilidades múltiplas, sendo por sua vez necessário um tipo de avaliação diferenciada para cada caso. Dentro deste contexto, as crianças com a síndrome de *Dubowitz* também devem ser contempladas com várias formas de avaliação.

Nossa sociedade educacional tem sido excludente à medida que prioriza determinadas formas de aprender e de ensinar, quando determine critério de avaliação que são parciais e circunstanciais, quando tempo de aprender tem o rigor e o compromisso que muitos aprendizes não podem acompanhar (PEROLLIN, 2012, p.290).

Fazendo elo com a visão anterior encontra-se Weisz (2000) afirmando “que se pensa sempre que é preciso ter uma boa noção daquilo que os alunos sabem do ponto de vista do conteúdo a ser aprendido [...]”. Eis porque a vivência, a cultura, a visão do mundo sempre deve fazer parte do plano do educador. Ninguém chega a escola como uma folha em branco, nem mesmo as crianças com algum tipo de deficiência.

As crianças com a síndrome de Dubowitz não são diferentes, pois estas são excelentes observadores segundo pesquisa realizada por René Schubert³(2008,p.6) a partir do ambiente externo estimulante e positivados de suas potencialidades. Pode-se dentro desta ótica dizer que ao receber

³René Schubert psicólogo e psicanalista que escreveu um relato de caso sobre a síndrome de Dubowitz, no Brasil.



um educando com a síndrome de Dubowitz teremos que estimular a fala sem podas e censuras, pois estes alunos mostram suas potencialidades na medida em que são estimulados, como lembra Weisz:

Compreender a perspectiva pela qual a criança enxerga o conteúdo é algo que em muitos casos só é possível se o professor se colocar na posição de observador cuidadoso daquilo que o aluno diz em relação ao que está sendo ensinado (WEISZ, 2000, p.43).

Ter um olhar cuidadoso sobre o possível erro pode ajudar o professor a descobrir o que o educando tentou fazer. Um dos grandes problemas para o conhecimento não avançar é a maneira indelicada com que se fala da possível falha cometida, no transcorrer do processo de ensino e aprendizagem. É preciso caminhar junto para que se descubra como e por que a criança chegou a este ou aquele resultado.

Dentro desta linha de pensamento, será possível avançar com os conhecimentos e habilidades de cada educando, pois é o ensino que deve adaptar-se à aprendizagem. E assim, o processo de ensino vai se modelando a cada momento de forma a estimular as possíveis adaptações pertinentes à aprendizagem, tornando o espaço escolar local de construção e reconstrução pedagógica, política e social.

Nossa sociedade educacional tem sido excludente à medida que prioriza determinadas formas de aprender e de ensinar, quando determina critério de avaliação que são parciais e circunstanciais, quando tempo de aprender tem o rigor e o compromisso que muitos aprendizes não podem acompanhar (PEROLLIN, 2012, p.290).

Vendo o percurso exposto, cabe uma melhor flexibilidade no tocante a avaliação, pois o sistema avaliativo deve ser contínuo e processual. Na avaliação das pessoas com a síndrome de *Dubowitz*, faz necessário o uso da oralidade e a exposição pessoal na construção do saber, sendo importante o educador fazer em outro espaço ou horário a combinar com o educando e sua família respeitando muito mais o lado do educando que na sua prática constrói uma agenda mental. Sendo assim, não pode ser uma avaliação estanque, mas elaborada respeitando as potencialidades não comprometidas do educando com a referida síndrome.

Posto que a educação seja por excelência condutora de autonomia e cidadania, devendo facilitar todo o processo para que o educando e o educador da sala regular de ensino possa gerar um aprendizado constante. Portanto, faz necessária uma equipe multidisciplinar na construção e



adaptação dos meios a serem utilizados em sala de aula, bem como, na avaliação que nunca pode perde o caráter contínuo e processual na formação das crianças com a síndrome de Dubowitz.

5 Consideração Final

Como foi apresentado neste artigo a Síndrome de *Dubowitz* ainda é bastante desconhecida tanto no âmbito da medicina como no da educação, porém com base nas bibliografias pesquisadas percebeu-se que há muito para ser explorado.

Também se observou que a temática inclusão escolar apesar de amparada pela lei, nem sempre é cumprida de forma que atenda todas as necessidades de adaptações para os alunos com deficiências. Tanto no que diz respeito à acessibilidade as escolas como as modificações dos currículos, quanto às adaptações dos educadores em ambientar os seus alunos no processo ensino/aprendizagem.

Ainda em se tratando dos educandos com a síndrome de *Dubowitz* essas adequações se tornam mais difícil, pelo fato de que cada aluno desenvolvem características diferentes em relação à síndrome, o que dificulta para o educador/agente de educação desenvolver um único método na construção da aprendizagem seja uniforme para todos que possuam essa necessidade especial.

Por esse motivo a necessidade dos educadores sempre estarem se especializando no que diz respeito à inclusão escolar, visto que nenhuma deficiência e/ou síndrome se manifesta igual e, que cada aluno seja ele deficiente ou não tem suas próprias características e tempo de aprendizado.

Por fim este artigo é apenas um ponta pé inicial para uma pesquisa mais aprofundada em relação à temática proposta, visto que há uma grande escassez de bibliografia que tratam da síndrome de Dubowitz e como os educandos da mesma se portam diante das adaptações de aprendizagem educacionais em que estão inseridos, existe um grande interesse em continuar a desenvolver pesquisa posteriormente num trabalho de conclusão de curso.

6 Referências

ARANHA, M.S.F. **Formando educadores para a escola inclusiva**. 2002. Disponível em: <www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/feei/teimp.htm>. Acesso em 26 de maio 2016.

BARTHOLO, M. H. **Relatos do Fazer Pedagógico**. Rio de Janeiro: NOOS, 2001.

BRASIL. **Decreto nº 3.298 de 20 de dezembro de 1999**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm>. Acesso em: 25 maio. 2016.

_____. **Decreto nº 6.571, de 18 de setembro de 2008**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192>. Acesso em 27 de maio de 2016.

_____. **Leis de Diretrizes e Bases da educação nº9394/96 de 20 de dezembro de 1996**:LDB anotada e legislação complementar 4.ed. SÃO PAULO: CM Consultoria, 2001. 396p

CAMPBELL, Selma Inês. **Múltiplas faces da inclusão**. Rio de Janeiro: Wak, 2009. 224p.

CARVALHO, Rosita Edler; PAROLLIN, Isabel Cristina Hierro; **Construindo as trilhas para a inclusão**. In: II Capitulo: a escola inclusiva como a que remove barreiras para aprendizagem e para a participação de todos. XIII Capitulo: aprender e ensinar – família e escola: uma inclusão necessária. GOMES, Márcio (org); 2.ed., Petrópolis: Vozes, 2012.

JONES, Krnneth Lyons, Smith's Recognzable **Patterns of Human Malformation** 5th. Editon. (Trad.) IKEDA, Marcos. **Reconhecíveis de Malformações Congênitas**. São Paulo: Manole, 1998. cap. 1, p. 102-104. Disponível em <http://rarediseases.org/rare-diseases/dubowitz-syndrome>. Acesso em 27 de maio de 2016.

MARTINS, I. de O. R. **Pedagogos, professores e a construção do trabalho coletivo**: busca por uma escola inclusivo/reflexivo/crítica. 232p. Dissertação. Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.

RESENDE, A. P. C.; VITAL, F. M. P. **A convenção sobre os Diretos das Pessoas com Deficiência**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2008.

WEISZ, Telma. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. In: VI Congresso Brasileiro de Tecnologia e (re)habilitação cognitiva - na UNIFMU, em Novembro 2008 - **ANAIS** - Revista Dementia e Neuropsychologia. V. 2, supl. 1, nov./2008. cap. 3, p. 39-54; cap. 5, 65-82.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

<<http://asdoencasraras.blogspot.com/2013/05/sindrome-de-dubowitz.html>>. Acesso em 18 de maio 2016.<[file:///D:/fragmentos%20do%20artigo/Sindrome de DUBOWITZ Rene Schubert.pdf](file:///D:/fragmentos%20do%20artigo/Sindrome%20de%20DUBOWITZ%20Rene%20Schubert.pdf)>. Acesso em 20 de maio de 2016.

